

## Bases teóricas para compreensão da atuação dos atores, redes, discursos e traduções: foco sobre projetos de desenvolvimento rural

Adilson Francelino Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta as teorias que utilizamos no Grupo de Estudos Territoriais (GETERR) para compreender aspectos sociais do Sudoeste do Estado do Paraná, Brasil. Quando o grupo foi criado em 2002, havia um grande potencial de pesquisas, especialmente no contexto dos movimentos sociais e organizações de agricultores que atuavam no território. No entanto, apesar da importância desses movimentos, a região era pouco estudada, tornando-se um objeto de estudo necessário para compreender as dinâmicas sociais, as lutas em defesa de direitos e interesses coletivos que se desenvolviam no território. Para contribuir com essa análise, optamos por utilizar a teoria social contemporânea e construir um caminho epistemológico que partisse do particular para o universal. Isso implicou, por um lado, problematizar os limites das análises clássicas e, por outro, prospectar novas abordagens. Nesse processo testamos diferentes métodos de pesquisa para, na nossa visão, alcançar um conjunto de teorias aptas a coletar, analisar e interpretar as especificidades territoriais, a saber: a Teoria Ator-Orientado de Normam Long, O método documentário de Karl Mannheim e a Teoria Ator-rede de Bruno Latour. Após 20 anos utilizando e validando o método, acredita-se que essas teorias são aptas a contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais em diferentes territórios e contextos. **Palavras-Chave:** Métodos de pesquisa; Território, Sudoeste do Paraná; GETERR; Sociologia contemporânea aplicada.

### Theoretical bases for understanding the actions of actors, networks, discourses, and translations: focus on rural development projects.

**Abstract:** The article presents the theories employed by the Territorial Studies Group (GETERR) to understand social aspects of the Southwest region of Paraná State, Brazil. When the group was founded in 2002, there was great potential for research, especially in the context of social movements and farmer organizations that operated in the territory. However, despite the importance of these movements, the region was little studied, becoming a necessary object of study to understand the social dynamics and struggles in defense of rights and collective interests that were developing in the territory. To contribute to this analysis, we chose to use contemporary social theory and construct an epistemological path that started from the particular to the universal. This involved, on the one hand, problematizing the limits of classical analyses and, on the other hand, prospecting new approaches. In this process, we tested different research methods to achieve, in our view, a set of theories capable of collecting, analyzing, and interpreting territorial specificities. Namely, Norman Long's Actor-Oriented Theory, Karl Mannheim's Documentary Method, and Bruno Latour's Actor-Network Theory. After 20 years of using and validating the method, we believe that these theories are capable of contributing to the understanding of social dynamics in different territories and contexts.

**Keywords:** research methods; Territory, Southwest Paraná; GETERR; applied contemporary sociology.

### Introdução

Este texto procura mapear as teorias que utilizamos como ferramentas metodológicas para compreender o lócus de pesquisa escolhido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETERR) no início da sua constituição em 2002, a saber, a Região Sudoeste do Estado do Paraná. Quando da criação do GETERR, havia na região um grande potencial de pesquisas especialmente ao se considerar o contexto dos movimentos sociais e das organizações dos agricultores que atuavam no

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do Geterr. Email: adilsonfalves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7422-8671>

território, tais como: a Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (Asessoar), a Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária (Cresol), sindicatos e, posteriormente, a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes) que capitaneavam milhares de pequenas associações de agricultores distribuídas em dezenas de municípios. Entidades essas que tinham um papel relevante na defesa dos interesses e direitos inicialmente da população local e posteriormente alcançaram projeção e abrangência nacional como referência na organização dos agricultores.

Além desses destaques, o Sudoeste do Paraná possuía uma forte presença de movimentos sociais e organizações que lutam por questões ambientais, sociais e culturais, o que as tornavam ainda mais relevantes. Contudo, apesar da importância desses movimentos e entidades, a região era pouco estudada. Dessa forma, sua escolha como objeto de estudos tornou-se algo necessário. Havia um enorme potencial para analisar as dinâmicas sociais, as lutas em defesa de direitos e interesses coletivos que se desenvolviam no território.

Quando ingressamos no grupo, e sendo o único sociólogo em um grupo formatado majoritariamente por geógrafos, tomamos a decisão de contribuir para essa análise por meio da Sociologia e optamos fazer essa análise por meio da teoria social contemporânea e, para isso, era necessário construir um caminho epistemológico que partisse do particular para o universal.

Dessa forma, um dos principais desafios da pesquisa, naquele momento, foi percorrer, coletar, analisar as experiências locais e estabelecer um diálogo com a rica tradição teórico-conceitual da geografia, unindo-a com a teoria sociológica. Isso significava, de um lado, problematizar os limites das análises clássicas. E, de outro, prospectar estudos sociológicos que nos ajudassem a chegar a conclusões universais.

Dessa abordagem, surgiram algumas dúvidas: seria possível compreender as especificidades do local e, ao mesmo tempo, identificar padrões e tendências que dialogavam com outras sociedades? Como a sociologia contemporânea seria utilizada na especificidade do sudoeste paranaense? Como seria estabelecido o diálogo com a geografia, particularmente através do conceito de Território.

Na construção desse processo, testamos diferentes métodos de pesquisa objetivando alcançarmos um conjunto de teorias que pensávamos estarem aptas para coletar, analisar e interpretar as especificidades locais. Após 20 anos utilizando e testando sua validade acreditamos que ainda são teorias aptas a contribuírem para a compreensão das dinâmicas sociais que encontramos nos territórios, pondo-se como um caminho teórico-metodológico que pode ser utilizado em outros contextos, com pequenas adaptações.

## **Bases conceituais para a análise do território**

Inicialmente buscamos refletir sobre novos métodos de pesquisa e promover diálogos entre a sociologia rural e a teoria social contemporâneas a fim de compreender as complexidades territoriais. Ao invés de estudar o Sudoeste paranaense a partir de uma perspectiva conceitual pré-estabelecida, adotamos métodos que buscavam uma perspectiva epistemológica crítica de métodos reducionistas que consideram os atores sociais apenas pelos aspectos econômicos ou ideológicos, de forma acrítica. O objetivo desta abordagem era evitar a identificação acrítica dos pesquisadores com os objetos de estudo. Para superar essa perspectiva reducionista, propusemos à época uma abordagem interdisciplinar que estabelecesse um diálogo entre três correntes de pensamento representadas por Norman Long, Karl Mannheim, Michel Callon e Bruno Latour. Antes de iniciar esse diálogo procuramos compreender o estado da arte sobre os estudos que focavam o desenvolvimento rural. Para tal, apoiamo-nos à época em Clark e Lowe (1992), Van der Ploeg (1992), Marsden (1993), Guivant (1993, 1998, 1998b, 2000 e 2002), Mior (2003) e Ward et al. (2005). O produto dessa discussão pode ser lido em Alves (2008 e 2010).

## **A ruptura com a visão dicotômica endógeno versus exógeno**

A leitura desse arcabouço teórico-conceitual sobre o desenvolvimento rural nos levou a dois principais paradigmas: o desenvolvimento exógeno e o desenvolvimento endógeno. O desenvolvimento exógeno, representado pela revolução verde, prevê uma articulação subordinada entre as atividades rurais e as urbanas.

Na lógica entendida como do desenvolvimento exógeno, urbano e rural estariam integrados à expansão econômica que dependia de ajuda externa. Esta lógica foi amplamente utilizada nos projetos da revolução verde na década de 1960 e deu um enorme impulso ao setor agrícola. Os princípios básicos deste modelo incluíam economias de escala e concentração, e os centros urbanos eram considerados como polos de crescimento e desenvolvimento econômico das “zonas rurais”. As regiões agrícolas eram diagnosticadas como marginais, pois estavam distantes técnica, econômica e culturalmente dos principais centros urbanos de atividade. Este modelo continuou como o paradigma central nas análises do rural até o final dos anos 1970, quando o modelo exógeno começou a perder credibilidade. As zonas rurais passaram a ser vistas como altamente dependentes de subsídios e distantes das arenas de decisão política.

A proposta do desenvolvimento endógeno, por outro lado, se baseava na ideia de que o crescimento econômico pode ser gerado a partir das forças internas das comunidades rurais, promovendo o aproveitamento de suas potencialidades e recursos. Nessa perspectiva, o desenvolvimento rural é entendido como um processo de transformação social e econômica que deve ser planejado e gerido pelas próprias comunidades rurais, com o apoio do Estado e da sociedade civil. Assim, tal perspectiva se caracteriza pela valorização das formas de produção e de organização social próprias das comunidades rurais, buscando a sua valorização e fortalecimento.

Isso inclui a promoção de formas de produção mais sustentáveis e a valorização de atividades econômicas que possam ser realizadas localmente, como a produção de alimentos orgânicos e ou a oferta de serviços não agrícolas. Além disso, o desenvolvimento endógeno valorizaria a participação das comunidades rurais nos processos de tomada de decisão. Em resumo, como pode ser observado no quadro 1, o desenvolvimento exógeno se baseia na ideia de que o crescimento econômico é gerado a partir do exterior, por meio da incorporação de tecnologias externas e da articulação das atividades rurais com as urbanas. Já o desenvolvimento endógeno defende a ideia de que o crescimento econômico pode ser gerado a partir das próprias forças internas das comunidades rurais, valorizando suas formas de produção e de organização social.

**Quadro 1 - Modelos de desenvolvimento rural**

<b>Características</b>	<b>Desenvolvimento exógeno</b>	<b>Desenvolvimento endógeno</b>
Princípio-chave	Economia de escala e concentração	Arranjos locais (naturais, humanos & culturais). Recursos para o desenvolvimento sustentável.
Força dinâmica	Polos de crescimento urbano. As áreas rurais são concebidas como fonte de recursos primários para a expansão das economias urbanas.	Empresas e iniciativas locais.
Função das áreas rurais	Produção de alimentos e de produtos primários para a expansão da economia urbana.	Diversificação das economias e dos serviços.
Maiores problemas de desenvolvimento	Baixa produtividade e marginalização.	Limitada capacidade de áreas/grupos sociais de participar das atividades econômicas.
Foco do desenvolvimento rural	Modernização agrícola: estímulo à mobilidade de capital e trabalho.	Construção de capacidades (habilidades, instituições e infraestrutura). Superação da exclusão social.

Fonte: Adaptado de Ward et alii (2005).

Em campo, observávamos que essas divisões nem sempre são tão claras. Na prática cotidiana dos agricultores havia misturas entre ambas as dimensões de desenvolvimento. Esta observação nos conduziu na busca de formulações teóricas que procurassem superar esse modelo dicotômico.

Dessas leituras chegamos a Buttel (1994) que apontava para a necessidade de integrar os modelos de desenvolvimento endógeno e exógeno. Para ele, cada um isoladamente é incapaz de explicar os processos de desenvolvimento rural. A perspectiva exógena, associada a uma macrosociologia, seria incapaz de explicar os processos de poder microsociais. Por sua vez, a perspectiva endógena é incapaz de explicar os processos macrosociais. Uma síntese entre ambas possibilitaria obter uma perspectiva teórica que captasse a complexidade da realidade social.

Contudo, ele menciona dois modelos dicotômicos adicionais para a análise do desenvolvimento rural: os modelos de globalização e realocização.

Na sociologia rural que enfatiza os processos globalizantes, os regimes alimentares pós-fordistas, na esteira do processo de mundialização da agricultura, são vistos como respostas ao declínio da capacidade dos Estados-nação de regular os seus setores agrícolas e alimentares, cedendo lugar a uma regulação global. A globalização estaria se tornando o centro dinâmico do mundo agrícola. Esta perspectiva está apoiada no pressuposto de que o setor agrícola havia mudado o dinamismo econômico, ideológico e político nas sociedades locais (inclusive os estados nacionais). Nesse cenário, os determinantes do sistema alimentar teriam se deslocado do espaço local para o global.

Assim, para Buttel (1994) haveria a necessidade de integrar os dois modelos para superar as visões dicotômicas de desenvolvimento. Seria necessário romper com uma definição fechada de sustentabilidade e abraçar tecnologias de outras matrizes de pensamento, bem como aceitar um alto grau de incerteza na execução de projetos de desenvolvimento rural. Para isso, o autor propõe a introdução do conceito de desenvolvimento neo-endógeno o qual abordamos em Alves (2008). Na mesma linha de raciocínio, Saquet (2003) acrescenta que, para estudar os processos de desenvolvimento local, é necessário considerar que esses espaços são híbridos, compostos por tempos e territórios distintos, mas que podem coexistir no mesmo espaço e tempo. Na sequência apresentaremos resumidamente os autores e teorias utilizados para compreender a complexa realidade territorial do Sudoeste paranaense.

## **Aproximação dos atores e suas redes**

Em conexão com o território, nas discussões sobre desenvolvimento rural que iniciamos, era importante perceber que as experiências locais estavam conectadas aos aspectos globais e isso implicava analisar os processos em redes. Duas premissas nos conduziram: A) Análise dos processos em rede, onde o local é permeado pelo global e vice-versa; B) capacidade de agência dos atores.

Isso implicou na busca de uma literatura que levasse em consideração que o conhecimento local não é homogêneo e pode ser influenciado por fatores como gênero, classe, etnia e questões geracionais. Portanto, era necessário considerar a diversidade de saberes e perspectivas dentro de um mesmo espaço rural. Isso expõe os métodos participativos a críticas, pois muitas vezes eles se sugerem como receituários únicos para o desenvolvimento rural, sem que haja outra alternativa para a viabilização econômica e social fora do marco participativo. Nesse percurso nos deparamos com as teorias Ator-Orientado de Norman Long, Método Documentário de Karl Mannheim e Teoria Ator-Rede dos quais falaremos brevemente na sequência.

## **Norman Long e a dimensão do conflito nas arenas de conhecimento**

A Teoria Ator-Orientada proposta por Long (1992, 1992, 2001), é uma abordagem chave para entender conflitos e negociações no processo de implementação de estratégias de desenvolvimento rural. Ela se baseia no Interacionismo Simbólico e troca social, que se opõem às teorias macroestruturais.

Ela enfoca o modo de vida (*lifeworlds*) dos atores sociais e o entrelaçamento dos projetos dos atores. Outro fator importante é a análise dos processos descontínuos e ambíguos encontrados nas arenas sociais de construção de projetos de desenvolvimento, que Long chama de “campos de batalha de conhecimento” (*battlefields of knowledge*). Essas arenas são espaços de competição em que os atores são confrontados com as experiências, interesses e valores uns dos outros. Eles também envolvem dilemas e desafios institucionalmente construídos, bem como documentos e relatórios de políticas públicas.

Contudo, as arenas não se limitam ao local. São influenciadas por elementos externos, como o mercado e as relações internacionais. O interessante dessa proposta é que os agricultores não são receptáculos vazios, esperando passivamente as ações dos agentes externos. A implementação das propostas de desenvolvimento será inevitavelmente afetada por negociações e

intenções diversas dos atores sociais envolvidos. Long foca no modo de vida (*lifeworlds*) dos atores sociais e o entrelaçamento dos “projetos” dos atores. Ele se aprofunda nos processos descontínuos e ambíguos encontrados dentro das arenas sociais dos projetos de desenvolvimento. Para isso ele constrói, qual mencionamos acima, o conceito de “campos de batalha de conhecimento”, por carregar a ideia de arenas de competição, nas quais os atores são confrontados com as experiências, interesses e valores uns dos outros. Mas não apenas isso.

Nessas arenas estão em jogo também dilemas e desafios institucionalmente construídos; documentos e relatórios de políticas públicas, pesquisas sociais acadêmicas, pesquisas e metodologias de órgãos de fomento, ONGs e suas expectativas, dentre outros que emolduram os debates. Essa análise orienta-se pela ideia de que tais projetos são construídos “fora” ou “sobre” a realidade social. Contudo, as arenas não se limitam à cena local. São também produtos de programas mais amplos. Ele adverte que as arenas não são compostas apenas por implementadores ou por beneficiários de políticas públicas, mas por uma ampla estrutura social e cultural polimórfica e conflitante.

Dessa forma, longe de ser um conceito que pressupõe uma estrutura unificada, hegemônica e coerente, o conceito de conhecimento defendido por Long envolve modos (no plural) de ordenação e conhecimento do mundo. Ao invés de um conhecimento válido universalmente, ele é constituído de forma complexa, envolvendo múltiplos elementos e determinações, dentre os quais podem se destacar elementos sociais, culturais, institucionais e situacionais. Deste modo: o conhecimento “sempre é essencialmente provisório, parcial e contextual em natureza, e as pessoas trabalham com uma multiplicidade de compreensões, convicções e compromissos” (LONG; LONG, 1992, p. 212-213,).

A utilidade de sua teoria é que ela nos força a investigar como tipos específicos e distantes de conhecimentos (incluindo o nosso próprio) são formatados pelos domínios de poder e relações sociais, nas quais eles estão/são articulados, encaixados e gerados. Isto nos possibilita entender o grau no qual os “mundos de vida de atores específicos”, com suas práticas de organização e percepções culturais são relativamente autônomas “de” ou se foram, nas palavras de Long, “colonizadas por” aspectos mais amplos de ideologias, instituições ou por relações de poder em nível macrossocial.

Long sugere que os programas e processos de intervenção devem ser “desmontados” para mostrar o que eles realmente são: processos socialmente construídos, negociados e processados, e não meramente “um plano” a ser executado de cima para baixo. Desse modo, ao analisar a “interface social”, ele propõe uma ruptura teórica com as análises dos modelos de desenvolvimento tradicionais.

**Quadro 2 – Conceitos centrais da análise ator-orientada**

Heterogeneidade	A vida social é polimórfica e complexa e inclui uma ampla diversidade de formas sociais e repertórios culturais, até mesmo sob circunstâncias de aparente homogeneidade. É, portanto, necessário estudar como são produzidas, reproduzidas, transformadas e consolidadas estas diferenças, assim como identificar os processos sociais envolvidos, e não apenas os resultados estruturais.
Agência	Essa perspectiva requer uma teoria de agência baseada na capacidade dos atores de processarem suas experiências e aprenderem com as experiências dos outros. A agência pressupõe a capacidade de aprender, experimentar e estabelecer significados e propósitos, além de comandar habilidades e acessar recursos. Isso se aproxima da teoria da estruturação de Giddens e permite ao ator social reinterpretar valores culturalmente construídos.
Ação Social	A ação social é efetivada dentro de redes de relações. São moldadas por rotinas e práticas organizacionais limitadas por convenções sociais, valores e relações de poder. Long adverte que os limites sociais e institucionais não podem ser reduzidos a categorias gerais da sociologia, como classe, gênero, estado ou etnia. Ela é produto de contextos específicos, e é perigoso fazer julgamentos generalizantes sem analisar as particularidades e especificidades das arenas e campos de ação social.
Culturas e significados	Os significados, valores e interpretações não são apenas culturalmente construídos. Eles são, também, diferentemente aplicados e reinterpretados de acordo com as possibilidades de comportamento ou mudanças circunstanciais, gerando, dessa forma, “novos” padrões culturais.
Escalas	Articulados a estes padrões, surgem algumas questões sobre escalas. Long chama a atenção para o fato de que o conjunto interacional das “microescalas” e arenas localizadas está conectado com os fenômenos mais amplos da chamada “microescala”. Ao invés de ver o “local” como emoldurado pelo “global” ou o “global” como acúmulos do “local”, a teoria ator-orientada procura elucidar “os conjuntos precisos de interligação de relações, “projetos”, práticas sociais dos atores que interpenetram espaços simbólicos, geográficos e sociais.
Interface social	Esta ferramenta permite explorar como as dissenções do interesse social, interpretação cultural, conhecimento e poder são mediados, perpetuados ou transformados em pontos críticos de articulação ou de confrontação. As interfaces, segundo Long, precisam ser identificadas etnograficamente e não devem ser presumidas com base em categorias sociológicas predeterminadas.
Contornos sociais	Os contornos e conteúdos das diversas formas sociais existentes em projetos e comunidades, procura elucidar sua gênese, e localizar as implicações para ação estratégica e modos de consciência. É, portanto, necessário entender como estas formas são moldadas sob condições e campos específicos e em relação a configurações passadas.

Fonte: Construção do autor com base nos textos de Norman Long.

A metodologia de Long procura entender os “campos de batalha do conhecimento”, com aplicações em diferentes contextos. Essas intervenções são eventos que acontecem dentro de uma estrutura mais ampla, com a presença de organismos internacionais, instituições nacionais, atividades estatais, atores da sociedade civil e estruturas de ideias em conflito. Para compreender adequadamente esses processos de desenvolvimento, é necessário olhar para além dos espaços geográficos e considerar os metadiscursos globais, incluindo questões como ambientalismo e direcionamentos dos órgãos de fomento.

Por outro lado, as experiências das comunidades devem ser observadas, uma vez que elas também possuem um acervo de memórias construído a partir de outras experiências e intervenções. O mesmo é válido para os “implementadores” de políticas e projetos. Long critica a abordagem tradicional de analisar os processos de desenvolvimento de forma empírico-descritiva e classificatória, separando e isolando elementos como: agricultura, pobreza, saneamento e lazer. Essa abordagem leva a soluções cirúrgicas para cada problema separadamente, sem considerar a complexidade das relações interinstitucionais e as nuances locais. A concepção errônea de que políticas públicas podem ser construídas fora da comunidade, sendo simplesmente aceitas e autorizadas, leva à implementação de projetos auto justificáveis.

Finalmente, para concluir a análise de Long, é preciso observar que ele sugere que programas e processos de intervenção devem ser desconstruídos para mostrar sua verdadeira natureza, como processos socialmente construídos, negociados e processados, em vez de serem meramente um plano a ser executado, no qual estruturas conceituais, burocráticas e financeiras geram as demandas e avaliam os resultados artificialmente. Ele adverte que a noção de interface social é complexa e requer uma metodologia equilibrada que leve em conta as vozes e experiências de todos os atores sociais envolvidos.

A teoria apresentada por Long foi fundamental para ampliar nossa compreensão sobre os atores e processos que se desenrolavam no Sudoeste paranaense. Contudo, havia uma lacuna que resumimos em uma pergunta: como acessar a subjetividade dos sujeitos para entender como se processam os campos de batalha do conhecimento? Nesse ponto, acreditávamos que a Metodologia Ator-Orientado poderia ser complementada pelo Método de Análise Documental proposto por Mannheim. O que passaremos a delinear, em linhas gerais, na sequência.

### **Método de análise documentária de Karl Mannheim**

A segunda ferramenta teórico-conceitual que utilizamos foi estabelecida por Mannheim, particularmente em um texto publicado em alemão, em 1922, onde o autor se dedica a compreender a formação da *Weltanschauungen* ou visões de mundo. Essa obra seminal inspirou e contribuiu com diversos autores e teorias, desde a contribuição da Etnometodologia, passando por Falls Borda e Paulo Freire. A utilização dessa teoria por nós se deu também através da contribuição do sociólogo Ralf Bohnsack (1999), que retoma e atualiza o método documentário de interpretação, elaborando um conjunto de ferramentas aptas a operacionalizar o texto original. Segundo Weller et alli (2002), Bohnsack transforma o método em um “instrumento de análise para a pesquisa social empírica”. E o faz ao colocar no centro da análise empírica o sentido de método documentário, o

que implica a reconstrução do processo de uma ação (ou ações) específica inserida em um contexto social particular. Bohnsack (1999), salienta ao menos três razões que justificam o pensamento de Mannheim no início desse século:

A associação do conhecimento e do pensamento ao *contexto local* (Standortgebundenheit oder Verbundenheit des Wissens und Denkens), que o autor denomina como “conhecimento conjuntivo” (cf. Kettler et al. 1982) desenvolvimento de reflexões metodológicas e de um método de análise da ação e/ou das práticas cotidianas, que vai além da teoria do indivíduo sobre a sua ação e suas intenções. Nesses escritos o autor aponta os tipos de interpretação sociológica e apresenta o *método documentário de interpretação* como essencial para a transcendência da *postura imanente* para a *postura sociogenética* (cf. Mannheim, 1952 e 1982: 77-80 e 242-255). Sua contribuição na definição de conceitos como *geração*, *meio social (milieu)*, *estilo* e *habitus* (ibid. 1952 e 1982) (WELLER, et all. 2002 p. 377).

Mannheim entende que a visão de mundo de um ator é resultante de um conjunto de experiências e vivências vinculadas a uma estrutura que, em última instância, constitui-se como uma espécie de base comum, em que vários níveis experienciais perpassam por múltiplos indivíduos. Para isso, ele constrói o conceito de conhecimento *ateórico*, ou aquilo que ainda não foi teorizado.

O desafio de captar as visões de mundo está exatamente na conceitualização teórica e documental do conhecimento compartilhado e vivido pelos indivíduos no cotidiano. Mannheim situa as visões de mundo entre os níveis social e espiritual (no sentido que os alemães dão a esse termo). Assim, elas não se constituem apenas nem no conjunto das formações espirituais de uma presente época, nem na coletividade dos indivíduos de uma época, mas, sim, em espectro mais amplo da vida social dos indivíduos.

Podemos observar vários desses fenômenos na transversalidade e na especificidade presentes nos discursos sobre qualquer assunto. Constituindo, no nosso ponto de vista, em um objeto teórico interessantíssimo, que pode fornecer informações extremamente válidas para se compreender como os atores interpretam e agem coletivamente, quando compartilham no cotidiano discursos e práticas. Entretanto, metodologicamente, para que isso aconteça é necessário avançar um pouco mais na compreensão da proposta de Mannheim para a análise das visões de mundo.

Mannheim, ao questionar a visão de mundo de uma época, interroga se ela pode ser ou não compreensível de maneira objetiva e científica. Para isso, ele propõe que se deva considerar que todo resultado ou manifestação cultural deve ser interpretado e compreendido levando-se em conta sua historicidade. Nesse caso, as experiências cotidianas não são mais consideradas como partes

de um esquema lógico ou “claro/racional, mas são constitutivos do real/racional” (WELLER, et alli, p. 381). Isso permite o acesso a diversas facetas que possibilitam efetuar a construção de recursos teóricos panópticos ancorado nos produtos culturais e teóricos de seu tempo.

Embora pareça contraditório, Mannheim nos adverte que a totalidade denominada *Weltanschauung* é entendida por ser, de certo modo, ateórica. Uma vez que se considerarmos a *Weltanschauung* como algo apenas teórico, todas as vastas possibilidades e dimensões da vida podem ficar inacessíveis para a síntese histórica. Mas, por outro lado, considera-se a totalidade, traduzida pela *Weltanschauung* como algo ateórico em que a filosofia e suas manifestações racionais (no sentido estrito) são apenas mais uma manifestação, e não a única. Segundo Mannheim, poderemos ampliar, acessar e compreender a “visão de mundo” por múltiplas facetas e, desta forma, construirmos uma síntese dos seus aspectos constitutivos.

Ainda que nenhum conhecimento do processo global seja possível fora de uma prévia investigação de suas partes, isso não implica que tenham que ser estudadas primeiramente de forma isolada, como um processo de especialização. Esses domínios (ciência, arte, religião, economia, intervenções de desenvolvimento), quando isolados uns dos outros e estudados separadamente, levam o papel da cultura a ser visto isoladamente e se apresentam (eles mesmos) como uma experiência pré-teórica, mas sujeita a várias operações de abstração, sendo tal experiência formada por um número de diferentes pontos de vista teóricos (MANNHEIM, 1952). Entendemos que a própria maneira como o cientista aborda o objeto – isoladamente – faz com que o objeto/produto cultural se apresente como ateórico. O esforço, então, está em considerar que todo produto cultural deva ser compreendido em sua totalidade; as experiências diárias, imediatas, não são partes de um todo claro/racional, mas são constitutivos do real/racional. Assim, deve ser o próprio objeto científico.

Contudo, o preço pago por essa expansão do campo, com a inclusão da análise da forma, é que a análise total, em princípio, torne-se mais vulnerável. A investigação científica da cultura em si pertence ao domínio da teoria. Se a unidade global da cultura é concebida como algo ateórico, então, o abismo separando o processo de pesquisa em si, de seu objeto, pode tornar-se maior (MANNHEIM, 1952).

Avançando na compreensão da proposta de Mannheim, é necessário verificar como metodologicamente se processa a transposição de algo que, globalmente compreendido como *ateórico*, pode ser analisado e incorporado pelo campo da teoria. Para ele, este é o problema central da filosofia. E, igualmente, fundamental para a metodologia das ciências humanas. As experiências cotidianas, sejam elas meramente estéticas ou religiosas, não são totalmente desprovidas de forma,

embora sejam revestidas de uma forma especial. Podem se constituir de modo radicalmente diferente das estruturas teóricas próprias dos esquemas racionais. Assim, o desafio é dialogar com estas formas ateóricas e interconectá-las com as estruturas teóricas do seu tempo.

A complicação é que a visão de mundo não se localiza nem no campo teórico, nem no campo da cultura ou em nenhum outro, mas em praticamente todos eles. E, deste modo, não pode ser entendido apenas dentro de qualquer um deles. O desafio é não apenas ir além da teoria, mas além de qualquer objetivação da esfera cultural. Ou seja, capturar na vida cotidiana elementos da estrutura discursiva, da racionalidade e do mundo tecnicamente construído pelas ciências, os elementos de conexão entre a visão de mundo e estas estruturas.

Mannheim propõe como processo metodológico de interpretação da visão de mundo o que ele chama de método documentário, em que os objetos de estudo são analisados como um *documento*. Para isso, ele propõe que todo produto cultural pode ser analisado levando-se em conta três níveis de sentido (*Sinnschichten*):

- a) Um nível objetivo ou imanente, dado naturalmente (por exemplo, num gesto, num símbolo ou ainda na forma de uma obra de arte);
- b) Um nível expressivo, que é transmitido através das palavras ou das ações (por exemplo, como expressão *de* ou como reação *a* algo);
- c) E, um nível documentário, ou seja, como documento de uma ação prática. (WELLER, et. alli, p. 386)

Desse modo, para “capturar a realidade”, no sentido documentário proposto, será necessário avançar na compreensão e, mais que isso, na apreensão dos produtos culturais de um modo tridimensional e panóptico. Na nossa proposta de pesquisa, por exemplo, implica compreender não apenas os elementos constituídos por práticas sociais determinadas e imanentes que, se apreendidas apenas desta forma, revelam tão somente a aparência de relação mais profunda com a realidade local e com os discursos teóricos constituídos globalmente.

A interpretação não deve permanecer no nível da análise da superfície dos fatos em si constituídos (imanente) nem na interpretação ou autoimagem que os indivíduos têm dos seus atos (sentido expressivo). Enfim, deve-se avançar para construir, a partir destes dois elementos, a análise teórica dos fatos (documentário). O documento é visto como um processo de interpretação para uma avaliação sinóptica da situação estudada, abrangendo a totalidade das manifestações espirituais.

Mannheim propõe duas justificativas para se utilizar o método documentário: 1) a necessidade e importância de o pesquisador voltar sua atenção sobre experiências contidas no

interior das práticas cotidianas, mas que integram o sentido de toda interpretação sociológica. Ou, como diz Bohnsack (1999), citado por Weller (2003), “o método documentário está apto a superar a aporia entre o subjetivismo e objetivismo”; 2) a operacionalização de um sistema de conceitos para as ciências culturais que atravessem diferentes tempos e experiências históricas. Nesse ponto é importante notar que, nessa proposta, as experiências, por mais imediatas que sejam, não são abstraídas de uma temporalidade e de uma dada estrutura social. Ao contrário, a singularidade é conferida por mediações entre diferentes tempos e lugares. A interpretação documentária pressupõe, então, mudanças na estrutura analítica do senso comum. Esse movimento epistemológico muda completamente a posição do pesquisador.

A busca da síntese, como postulado e objetivo de seu projeto metodológico, implica compreender a cultura como um processo histórico. Para isso, um sistema de conceitos deve ser operacionalizado para “cruzar várias esferas da atividade cultural e também cruzar sucessivos estágios culturais” (MANNHEIM, 1952, p. 75). Nesse ponto é preciso ainda mais cautela reflexiva.

Para que tal procedimento metodológico se efetive, é necessário o seu desdobramento em duas etapas: I) transformar em documento aquilo que era *ateórico* (ou seja, torná-lo um objeto teórico); II) observar incessantemente que os sistemas de conceitos utilizados não se processam separadamente da realidade objetiva dos sujeitos, caminhando num movimento dialético de integração entre a teoria e a empiria.

Também há a necessidade de observar que essa conexão com outros documentos e fenômenos históricos não implica a determinação e nem o privilégio de um sobre o outro.

Observe que Mannheim não se utiliza do termo irracional, mas *ateórico*, sinalizando que as experiências em análise são ainda não conceituadas e teorizadas. Além disso, para ele, toda experiência possui sua própria história. As experiências sociais ou individuais não são “meros eventos na vida”, mas estão profundamente enraizadas na história da sociedade da qual fazem parte. Assim, projetos de desenvolvimento local constituem-se espaços privilegiados para observação das experiências conjuntivas que se formam a partir da sua constituição. Cabe um destaque importante aqui. Mannheim considera mais importante o como uma experiência social é constituída do que o por quê ela é constituída. Ele se volta para a fina e fluida camada entre a experiência, intuição e teoria; para aquilo que, à primeira vista, se aparenta como obscuro, caótico, simples, banal, *ateórico* e desprovido de qualquer sentido e significação histórica. Dessa forma, ele apela para o uso da razão, pela confiabilidade em que a razão possa ser o instrumento analítico capaz de fazer emergir as experiências submetidas ao campo *ateórico*. Todavia, com uma

diferença: não mais como caóticas, mas cunhadas por conceitos legítimos na ordem do mundo e, portanto, comunicadas, interpretadas e partilhadas em comum.

Em uma primeira aproximação, tal teoria parece algo extremamente complexo. Contudo, ao trazer como proposta metodológica a documentação das experiências *ateóricas*, ela nos instiga a pensar sobre o mundo atual em sua profusão de ações, discursos e sobre a velocidade com que as informações invadem os espaços tradicionais. E nos faz perguntar se a instantaneidade do tempo poderia aniquilar os espaços singulares e em seu lugar impor a homogeneização das culturas e dos saberes-fazer locais. Ou, mesmo, se novas sínteses se desenham a partir dessa interação. Desse modo, o desafio metodológico é o de repensar a elaboração de instrumentos analíticos capazes de dar forma e mapear a singularidade de experiências concretas, mas que ainda carecem de interpretação e, sobretudo, mapear as diversas redes (e suas hierarquias) interconectadas ao cotidiano.

Nesse sentido, essa abordagem teórico-metodológica nos permitiu acessar a subjetividade dos atores do território. E, minimamente, vislumbrar como pensam e como constroem suas visões de mundo e explicitar as redes nas quais eles estão inseridos e quais os embates e as lutas ocorrem no seu interior. Também nos permitiu observar como se processam os jogos de poder e interesses dentro delas. E permitiu-nos, ainda, abrir novas questões: quais as origens dos discursos acessados para dar aos projetos (ou aos atores que os propõem) uma aparência de coerência e organicidade. Como as narrativas são construídas? Em que se apoiam para mobilizar a história, a teoria, o tempo, a política e as técnicas? A resposta para essas questões veio da Teoria Ator-rede (TAR), da qual passaremos a discutir na próxima seção.

### **Atores, redes, discursos e traduções: os desafios da Teoria Ator-rede**

A TAR (Teoria Ator-Rede) foi desenvolvida pelo engenheiro Michel Callon e pelo sociólogo Bruno Latour, na década de 1980. O foco inicial das suas preocupações era desenvolver uma análise sobre a ciência e a tecnologia. A partir de suas reflexões, inauguram um novo marco de análise e passam a exercer uma forte crítica à convencional sociologia da ciência. Suas fontes conceituais repousavam inicialmente em trabalhos de dois pesquisadores: o filósofo Michel Serres e o filósofo da matemática David Bloor. Do primeiro, emprestaram o conceito de tradução; e, do segundo, o conceito de simetria. Além da contribuição desses dois autores, a TAR foi influenciada também por Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Foucault.

O princípio de simetria desenvolvido por David Bloor apontava, primeiramente, para uma não-diferenciação essencial entre verdade e erro, ou entre saber científico e não-científico. Este conceito traz como contribuição o fato de propor a ruptura com o pressuposto do racionalismo científico de Gaston Bachelard e Georges Canguilhem. Tal princípio propunha um corte epistemológico, uma divisão entre o discurso científico e o discurso do senso comum (observe que a conexão com os conceitos desenvolvidos por Mannheim não é fortuita). A proposta de Bloor procura romper com esta diferenciação. Para ele não haveria diferença entre vencedores e vencidos na batalha pela verdade. Os dois discursos deveriam ser explicados pelo mesmo princípio.

Entretanto, ao proporem o princípio de simetria generalizada, os teóricos da TAR vão um pouco mais longe. Era necessário abolir as diversas separações da modernidade, particularmente entre sociedade e natureza (com seus reducionismos). Latour (1994, 1998, 2000, 2012) e Callon (1986, 1987) propõem a não diferenciação essencial entre verdade-erro, ciência-não ciência e questionam a superioridade da modernidade frente aos pré-modernos e aos ditos primitivos. Para eles, não somos diferentes dos “antigos”, porque a mescla entre natureza e sociedade que eles faziam, nós, “os modernos”, também fazemos. A TAR propõe acabar com todas essas dicotomias e diferenças, a partir da noção de híbridos, da mescla, das misturas improváveis. Em outras palavras, propõe que a ciência seja vista como um produto de uma rede de materiais heterogêneos, incluindo agentes, instituições sociais, máquinas e organizações.

Nesse texto não abordaremos toda a TAR. Aqui o aspecto que nos interessa refere-se ao modo como os teóricos da TAR propõem o acesso aos atores e suas redes; como observam as relações de poder dentro de esquemas que envolvem a tradução de discursos; a tentativa de alistamento e alinhamento de atores localizados, às vezes, em posições divergentes. Outro aspecto que nos interessa é o da constituição do discurso do Ator-mundo e seus deslocamentos na rede. É importante observar que o núcleo da TAR é o conceito de tradução, tanto que essa teoria é também conhecida como sociologia da tradução. A tradução, como proposto pela TAR, enfatiza a continuidade dos deslocamentos e transformações que ocorrem nos processos desenvolvidos pelo Ator-mundo. Tais deslocamentos incluem, além de metas e interesses dos atores, os outros dispositivos da rede, tais como: seres humanos, anotações, recursos teóricos, prestígio, necessidades, leituras da realidade, dispositivos teóricos, ideológicos, a história, dentre outros. Os deslocamentos aconteceram em todas as fases do processo (nesse ponto é interessante observar a possibilidade de estabelecer um diálogo e uma aproximação entre as contribuições de Norman Long e a TAR). Segundo Callon, alguns atores têm um papel mais estratégico que outros. Alguns desses deslocamentos ocorrem durante a fase da problematização, momento em que, ao invés de

procurar os interesses individuais no curto prazo, os atores são convidados a mudar seus projetos imediatos e o foco das suas preocupações, para acompanhar as análises e as proposições do Ator-mundo (CALLON, 1986, p. 12).

Desse modo, para a TAR, traduzir é se deslocar. Ou seja, fazer com que os atores envolvidos na rede passem a frequentar outros espaços, visões de mundo e necessidades; mas não apenas isso, traduzir também é expressar. Nas palavras de Callon: “traduzir é expressar na própria linguagem da pessoa o que outros dizem e querem. Por que eles agem do modo como eles fazem e como eles se associam entre si: é estabelecer a si mesmo como um porta-voz.”<sup>2</sup> (CALLON, 1986, p. 13). No processo de tradução, o Ator-mundo desloca e expressa, traduz o mundo à sua volta e as vozes dos outros atores, fazendo-se ponto de passagem das reivindicações e das necessidades da rede; classificando, deslocando, ajustando e unificando os atores em novas realidades e papéis.

Callon (1986) distingue quatro etapas para o processo de tradução: a problematização, a atração de interesse (*interessement*), a matrícula ou alistamento (*enrolment*) e a mobilização. Estas etapas apontam para o fato de que os atores, individuais e coletivos, humanos e não-humanos, estão constantemente traduzindo suas linguagens, problemas e identidades, procurando moldar seus interesses e os interesses dos outros. O processo de tradução constrói e desconstrói verdades, mundos, pontos de vistas e redes. Nesse sentido, as identidades e interesses dos atores são permanentemente desafiados e confrontados, num processo de estabilização e desestabilização. Os quatro momentos da tradução propostos por Callon (1986) podem ser assim descritos:

**(a) problematização:** processo em que o ator, candidato a Ator-mundo, tenta se tornar indispensável aos outros atores da rede. Ou seja, ao definir uma questão (ou questões) como problema, propondo formas de solução, o Ator-mundo estabelece ligações entre os problemas com os outros atores (com sua respectiva demonstração e convencimento). Ao efetuar esse movimento, demonstra que a solução ou os objetivos propostos deverão, necessariamente, passar por ele. Em outras palavras, o Ator-mundo procura tornar-se indispensável para os outros atores. Desse modo, o processo que se estabelece, seja de inovação no campo científico, seja na proposta de construção de projetos de desenvolvimento rural, é caracterizado como um processo eminentemente coletivo que envolve uma multiplicidade de fatores. Os atores identificados pelo Ator-mundo como alvos são assediados e convencidos da veracidade, urgência e veracidade do problema. No processo de construção da problematização, o Ator-mundo define os pontos de passagem obrigatórios pelos quais os outros atores deverão transitar. Indica-lhes os desvios e os deslocamentos a serem

---

<sup>2</sup> [...] translate is also to express in one's own language what others say and want, why they act in the way they do and how they associate with each other: it is to establish oneself as a spokesman.

efetuados. Além do convencimento da aceitação do problema, um dos desafios centrais desta etapa reside na definição da identidade dos atores e como colocá-los uns em relação aos outros, estabelecendo e alinhando uma rede de problemas, metas e atores. É importante ressaltar que, para os teóricos da TAR, este processo não é estanque. Constantemente, ao longo do processo, os atores se definirão e redefinirão entre si.

**(b) atração de interesse (*interessement*):** refere-se à série de processos pelos quais o Ator-mundo busca encaixar os atores em papéis pré-definidos. Isto é, esse processo consiste em dar concretude à rede, transformando alianças hipotéticas em alianças reais. A consumação desta etapa pode ser traduzida na disposição e arranjos de mecanismos de atração dos interesses dos outros atores; e visa estabilizar a identidade dos diferentes atores. Este mecanismo tem o objetivo de impossibilitar (ou minimizar) o surgimento de desvios nas rotas traçadas e eliminar a concorrência dentro da rede. Nas palavras de Callon:

Cada entidade inscrita pela problematização pode sujeitar-se a ser integrada no plano inicial, ou, inversamente, repelir a operação, definindo sua identidade, suas metas, projetos, orientações, motivações, ou interesses de outra maneira. Na realidade, a situação nunca tem um corte tão claro. Como a fase da problematização mostrou, seria absurdo para o observador descrever entidades na medida em que vai formulando a identidade e as metas delas de uma maneira totalmente independente. Eles são formados e atualizados apenas durante a ação. Interesseamento<sup>3</sup> é o grupo de ações pelas quais uma entidade [...] tenta impor e estabilizar a identidade dos outros atores, o que isto define por sua problematização. São usados dispositivos diferentes para implementar estas ações (CALLON, 1986, p. 5).<sup>4</sup>

A opção pela palavra *interessement*, segundo Callon (1986, p. 5), deve-se ao fato de que a etimologia da palavra justifica sua escolha pois, ser interessado é ser no meio (inter-esse), ser interposto. [...] Interessar outros atores é construir dispositivos que podem ser estabelecidos entre eles e todas as outras entidades que querem definir as identidades deles.

**(c) Matrícula ou alistamento:** é o conjunto de estratégias nas quais o Ator-mundo busca definir e assegurar que os vários papéis atribuídos aos outros atores serão obedecidos. Esse

<sup>3</sup> Não existe tradução literal, do inglês para o português, da palavra “Interessement”. Ela tem sua origem na língua francesa ‘*intéressement*’, que significa interesse pessoal, preocupação pessoal e genuína e interesse individual. Nessa tradução, adotaremos a grafia *interessamento*.

<sup>4</sup> Each entity enlisted by the problematization can submit to being integrated into the initial plan, or inversely, refuse the transaction by defining its identity, its goals, projects, orientations, motivations, or interests in another manner. In fact the situation is never so clear cut. As the phase of problematization has shown, it would be absurd for the observer to describe entities as formulating their identity and goals in a totally independent manner. They are formed and are adjusted only during action. Interessement is the group of actions by which an entity (here the three researchers) attempts to impose and stabilize the identity of the other actors it defines through its problematization. Different devices are used to implement these actions. (tradução do autor).

mecanismo se processa através de atribuições de papéis negociados pelo prisma da problematização e do interessamento (ver CALLON, 1986, p. 7).

**(d) mobilização:** refere-se ao conjunto de métodos usados pelo Ator-mundo para se assegurar de que porta-vozes (ou supostos porta vozes) para várias coletividades relevantes envolvidas na rede possam representar corretamente essas coletividades, evitando que não sejam traídas por ela. Em outras palavras, consiste na escolha de porta-vozes a serem deslocados ao ponto de passagem elencado na problematização ou, segundo Callon (1986), “Quem fala em nome de quem?”. Este processo permite a simplificação da heterogeneidade do mundo (ou dos mundos), ao transformar entidades (prefeitura, comunidade de agricultores, documentos acadêmicos, cientistas, relatórios, universidade, políticas públicas etc.) em representantes que falam em nome dos outros. O Ator-mundo procura assegurar-se da fidelidade da tradução que os atores da rede fazem do discurso por ele proposto. O objetivo é tornar estas redes heterogêneas em elementos homogêneos e controláveis. Desse modo, o Ator-mundo torna-se mais potente que os outros atores, pois tem a capacidade de mobilizar as alianças entre elementos heterogêneos e aparar as arestas. Mas, para isso, segundo Callon, (1986p. 19), é necessário calar vozes.

Se o processo de tradução é exitoso, ele se configura como uma rede. Tal processo na Teoria ator-rede ocorre em um duplo estágio. No primeiro, como vimos anteriormente, o candidato a Ator-mundo se esforça para dar forma à rede, articulando seus diversos elementos e materiais. Caso obtenha sucesso no seu intento, começará o segundo momento. Nele, observa-se a constituição de uma rede articulada às ligações concretas, com cada uma das instituições participantes do processo, e com o ator-mundo no centro da rede. Ele passa, então, a ter a responsabilidade pela circulação dos meios intermediários que criou. Entretanto, apesar do esforço do Ator-mundo em manter a rede sociotécnica intacta e em pleno funcionamento, ela é frágil e, segundo Callon (1986), é necessário atentar para o fato de que *tradução* é um processo, nunca uma realização completa e, desse modo, pode falhar.

Para a TAR, a noção de tradução enfatiza a continuidade dos deslocamentos e transformações que ocorrem em processos de construção de redes. Deslocamentos implicam não apenas metas e interesses, mas também dispositivos, seres humanos, anotações, poder, instituições etc. Embora alguns tenham papéis mais específicos que outros, os deslocamentos ocorrem em todas as fases do processo. Um exemplo disso se refere às estratégias. Durante a fase de problematização e envolvimento, em vez de procurar os interesses individuais no curto prazo, os atores são convidados a olharem horizontes de longo prazo (no caso dos agricultores envolvidos em projetos de desenvolvimento, os frutos da melhoria são prometidos para o final do processo)

Dessa forma, “traduzir” é uma espécie de deslocamento identitário, conceitual, temporal e espacial. O Ator-mundo tenta deslocar seus aliados para fazê-los passar por conceitos e redes por ele defendidos. Traduzir também é expressar. Ou seja, falar na linguagem dos atores o que eles dizem e querem, organizando o discurso de forma que, “ao término do processo, se tiver êxito, apenas vozes em harmonia serão ouvidas” (CALLON, 1986, p. 13). Desse modo, o Ator-rede atua unindo universos separados, construindo entre eles meios de comunicação, unificando um discurso de certezas, metas e objetivos.

Dessa forma, antes de ser um resultado, a tradução é um processo. E é por isso que os autores da TAR falam em momentos, uma vez que a realidade nunca é tão distinguível como do modo pelo qual são explicitadas por trabalhos e descrições. Assim, segundo Callon (1986, p.14), a tradução [...] é o mecanismo pelo qual os mundos sociais e naturais progressivamente tomam forma.

A TAR é contrária às delimitações de noções rígidas, como as de sistema ou de função, noções estas caras à sociologia clássica. O convite da TAR é para seguir os atores nas suas múltiplas atividades de tradução, para além dos limites dos conceitos de sistema e função. Segundo Law (1996), “a estrutura não é algo separado e independente como os andaimes em torno de um prédio, mas um local de luta, um efeito relacional que se gera recursivamente e se autorreproduz”. A lista dos atores (indivíduos, grupos, objetos, textos ou instituições), bem como, suas propriedades e capacidades nunca são apresentadas de uma só vez. São produto de uma longa e complexa estratégia de relações, que são trabalhadas em múltiplos níveis de atividades, articulações, confrontação de poder, colaboração, sabotagem, alianças, dissensos etc.

Law (1996) diz que no núcleo da abordagem ator-rede está o interesse por verificar como atores e organizações envolvidos na rede mobilizam, justapõem e mantêm unidos os elementos que as constituem. Mas há o interesse, também, em verificar como conseguem evitar que esses elementos sigam suas próprias inclinações e saiam da rede, e como as resistências são superadas. E verificar “como eles conseguem, como um resultado, esconder por um certo tempo o próprio processo de tradução e assim tornar uma rede de elementos heterogêneos cada qual com suas inclinações em alguma coisa que passa por um ator pontualizado” (LAW, 1996, p. 23).

A resposta, para ele, reside no fato de que a tradução tem quatro características gerais. A primeira característica, segundo o autor, tem a ver com a durabilidade dos materiais disponíveis e utilizados na rede. Uns são mais duráveis e, conseqüentemente, conseguem manter padrões relacionais por mais tempo. Como exemplo, ele oferece a ideia de *continuum* de gradação, de durabilidade:

[...] Pensamentos são baratos, mas não duram muito tempo. Discursos duram um pouco mais. No entanto, quando começamos a *performar* relações – e em particular quando nós as *incorporamos* em materiais inanimados tais como textos ou prédios – elas podem durar mais tempo” (LAW, 1996, p. 15).

Entretanto, ele próprio adverte que não é tão simples, porque as formas de material duráveis “podem achar outros usos: seus efeitos mudam quando elas são postas em novas redes de relações” (LAW, 1996, p.15). Como vimos, a noção de durabilidade está relacionada com a ideia de tempo. Este, por sua vez, deve ser ordenado para que de sua intencionalidade surjam os efeitos desejados na rede.

A segunda característica refere-se à dimensão espacial, ou o que chama de mobilidade, cujo principal atributo é a capacidade de agir à distância.

A terceira característica diz respeito à capacidade de antecipação de respostas às reações dos materiais, no sentido de prever e superar as resistências dos elementos da rede. E, por fim, a questão que Law chama de “escopo do ordenamento”. Para ele, o escopo é local, embora afirme que se deva levar em conta as estratégias de tradução gerais.

É necessário tecer uma crítica a esta última característica sugerida por Law. Se observarmos apenas os atores isolados, talvez possamos ver o escopo apenas no nível local. Contudo, ao conduzirmos a análise para além da microesfera, os materiais e estratégias disponíveis para o processo de tradução extrapolam as fronteiras de atuação dos atores. Além disso, os autores da TAR já se debruçaram sobre essa questão, cuja dificuldade central reside em definir as redes nos termos propostos pela geografia. A noção de rede proposta pela TAR não se coloca em termos de proximidade ou distância das conexões entre os elementos ou, segundo a noção de escala. A ideia da rede, para a TAR, reside na dissolução da micro-macro escala, pois nenhuma rede é maior que outra, simplesmente é mais ampla ou mais intensamente conectada.

As questões, possibilidades e limites introduzidos pela TAR convidam-nos a olhar para o contexto dos projetos de desenvolvimento de uma forma diversa da que os atores comumente o fazem. Lançam-nos a novos desafios, instigam-nos a observar o cotidiano dos atores, a esmiuçar os meandros das políticas públicas e a desconfiar das agendas e interesses por detrás de tais intervenções. Provocam-nos também a inquirir sobre quais são as táticas e estratégias utilizadas pelos atores para contornarem ou evitarem os impasses; a indagar como se projetam nas arenas e nas interfaces dos projetos. Mostram também como sabemos pouco das dinâmicas e arranjos locais que organizam e possibilitam o funcionamento desses projetos. Por intermédio da sociologia da tradução, acreditamos que podemos constatar e resgatar as práticas dos coletivos, das estratégias e

instrumentos utilizados pelos atores (sobretudo, pelo Ator-mundo). Contudo, temos claro que, para a TAR, a qualificação do indivíduo é problemática pois, para essa teoria, é a rede que o representa e o qualifica. Ou seja, um ator é um ponto de intersecção conectado e mediado por múltiplos instrumentos (dos quais, quase sempre não tem domínio). Desse modo é possível, ao ator, conectar, dismantelar, associar-se a novas redes, cujos limites para tais possibilidades são apenas as necessidades estratégicas dos atores e de suas conexões com as redes, em suas múltiplas e heterogêneas interações. Desse modo, um fato situado em um ponto da rede pode levar ao rompimento e/ou crises e/ou a novos arranjos dentro da rede.

## **Conclusão**

O tecido conjuntivo de dada sociedade é construído por discursos, narrativas e dispositivos articulados e organizados pelos atores que compõem as diversas redes que a perpassam. A perspectiva que procuramos adotar na escolha dos autores que orientaram a construção da tese é a de que as relações sociais no mundo rural são permeadas por complexas redes de relações e co-determinações.

Tal pressuposto nos leva a negar as respostas simples de submissão e subordinação dos agricultores a uma realidade imutável em que caberia ao sujeito (objeto de projetos de desenvolvimento), a obediência a apenas dois senhores: ao que o condena à submissão econômica, social, política e técnica; ou submissão ao que julga conduzi-lo a uma libertação de tais amarras econômicas, sociais e técnicas mas que, ao fazê-lo, o tem como alguém desprovido de consciência, qual alguém que, capturado pelos primeiros, espera que os segundos venham lhes revelar a verdade.

Nesse sentido, a tentativa aqui é de explicitar as relações de poder entre os atores que executam um projeto de desenvolvimento rural sustentável. Para tal, a adoção dos autores vistos nas páginas anteriores nos fornece a estrutura teórica pensada para dar conta do desafio. A imagem por nós visualizada foi composta de três momentos: o primeiro, com Norman Long em que se ergue a perspectiva de que os projetos de desenvolvimento são arenas de conflito, nas quais atores de diversas origens e posições colocam-se em confrontação mútua e, por conseguinte, interesses e valores são disputados. Tal perspectiva nos permitirá visualizar espaços tridimensionais em que os agentes se posicionam para empreender suas disputas. Na mesma linha de raciocínio, Long nos convida a fazer uma leitura etnográfica dos atores e nos desafia a aprofundar a compreensão de suas visões de mundo.

Nesse instante, inicia-se o segundo momento. A explicitação das “visões de mundo” partilhadas pelos atores exige uma metodologia específica, que, acreditamos, seja provida por Karl Mannheim. Seu Método de Análise Documentário possibilita “entrar” no mundo dos atores e, a partir de suas falas, reconstruir documentalmente os elementos constitutivos de suas visões de mundo. Tal metodologia permite o acesso a diversos campos encobertos do discurso dos atores que, se fossem perguntados, receberiam um tratamento ou polimento teórico que não interessam nessa pesquisa.

Por fim o terceiro momento, em que as redes e os atores são explicitados pela Teoria do Ator-rede. Particularmente, interessam-nos os conceitos de tradução, simetria, Ator-mundo e, por último, de porta-vozes. A problematização da TAR permite-nos relativizar a atuação dos atores em suas estratégias de dominação, de alinhamento dos mecanismos, dispositivos e recursos dentro da rede.

## Referências

ALVES, Adilson F. et al. Sudoeste paranaense: colonização, estrutura fundiária e indicadores da modernização agrícola. IN: RIBAS, Alexandre Domingues; SPÓSITO, Eliseu Savério e SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. (2ª edição) Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, pp. 149-170, 2004.

ALVES, Adilson F. Análise de propostas de desenvolvimento, na perspectiva de Norman Long. IN: ALVES, Adilson Francelino; FLÀVIO, Luiz Carlos e Santos, Roseli Alves dos (Orgs). **Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento**. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, pp. 96-106, 2005.

\_\_\_\_\_. Do desenho à implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável: interfaces e negociações no Projeto Vida na Roça (Paraná). 256 f. 2008. **Tese** (Doutorado), Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ALVES, Adilson F. et al. Impactos da agroindústria integradora na agricultura familiar do sudoeste do Paraná (pp. 141-164). IN: ALVES, A. F; FLÀVIO, L. C. e SANTOS, R. A dos (Orgs). **Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento**. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, pp. 141-164, 2005b.

BOHNSACK, R. Karl Mannheim. **Conferência de abertura do seminário de leitura sobre Karl Mannheim**. Universidade Livre de Berlim, semestre de inverno 1999/2000 (mimeo), 2000.

\_\_\_\_\_. Pesquisa social reconstrutiva. **Introdução aos métodos qualitativos**. Vozes.

BUTTEL, Frederick. Agricultural change, rural society and the state in the late twentieth century. Some theoretical observations. In: Symes, David e Jansen, Anton (eds), **Agricultural restructuring and rural change in Europe**. Wageningen: Wageningen Agricultural University Press, pp. 13-31. 1994.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay First published in J. Law, Power, action and belief: a new sociology of knowledge? **London, Routledge**, pp. 196-223. 1986. Disponível em: [http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20\(1986\)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf](http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20(1986)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf), 1986. Acesso em: 20/05/2015.

\_\_\_\_\_. Society the making: the study of technology as a tool for sociological analysis. In: BIJKER, W. J., HUGHES, T. E PCH, T. (ed.). **New Directions in the Social Studies of Technology**, Cambridge: MIT Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The sociology of an actor-network: the case of electric vehicle. In: CALLON, M.; LAW, J.; RIP. A. (eds.) **Mapping the dynamics os science and technology. Sociology of science in the real world**. London: The Macmillan Press, 1986.

CLARK, Judy e LOWE, Philip. Cleaning up agriculture: environment, technology and social sciences. In: **Sociologia Ruralis**, vol.XXX (1): pp. 11-29, 1992.

GUIVANT, Julia S. Parâmetros teóricos para análise da difusão e adoção de uma agricultura sustentável. pp. 277-298 In P.F. Vieira e D. Daimon (orgs), **As Ciências Sociais e a Questão ambiental**. Rio de Janeiro, APED/NAEA: 1993.

\_\_\_\_\_. A trajetória das análises de risco: da periferia ao centro da teoria social. **Cadernos de pesquisa**, 14, julho de 1998.

\_\_\_\_\_. Conflitos e negociações nas políticas de controle ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v.1, n. 2, 1998, 1998b.

\_\_\_\_\_. Sustentabilidade e métodos participativos: os riscos dos pressupostos realistas. **Anais do Congresso Mundial da International Sociological Association**. Brisbane, Austrália. Julho, 2002.

\_\_\_\_\_. Reflexividade na Sociedade de Risco: Conflitos entre Leigos e Peritos sobre Agrotóxicos. **In: Qualidade de Vida e Riscos Ambientais**. Selene C. Herculano, Marcelo Firpo de Souza Porto, Carlos Machado de Freitas (orgs). Niterói: EdUFF, 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ciência em Ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA. 2012.

LAW, John. O Laboratório e suas Redes. **In: CALLON, Michel (org), La Science et ses reseau**, Paris, La Découverte. 1989.

\_\_\_\_\_. **Notes on the Theory of the Actor Network**: Ordering, Strategy and Heterogeneity, published by the Centre for Science Studies, Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, at . Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>, 1992 (Acesso em: 20/15/2015).

\_\_\_\_\_. **Organizing Modernity**. Oxford: Blackwell Publisher, 1994.

\_\_\_\_\_. After ANT: complexity, naming and topology. **In: Law, John e Hassard, John. Actor Network Theory and After**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

LAW, John; Mol, Annemarie. Notes on materiality and sociality. **The Sociological Review**, 43(2): pp. 274-294. 1999.

LONG, Norman; Long, Ann. **Butterfields of knowledge**: the interlocking of theory and practice in social research and development. London: Routledge. 1992.

LONG, Norman. **Agency and constraint, perceptions and practice. A theoretical position. En images and realities of rural life. Wageningen Perspectives on Rural Transformations**. Van Gorcum, The Netherlands. 1997.

\_\_\_\_\_. **Development sociology**. Actors perspectives. Routledge Taylor & Francis Group London and New York, 2001.

\_\_\_\_\_. An Actor-oriented Approach to Development Intervention. **In: Rural Life Improvement in Asia**: Report of the APO Seminar on Rural Life Improvement for Community Development. Japan, pp. 22–26, April 2002 . APO 2003. Edited by Dr. D.A. Cruz, Technical Editor, California, USA.

LOWE, P.; MURDOCH, J., WARD, N. **Networks in rural development**: beyond exogenous and endogenous models. Centre for Rural Economy. University of Newcastle upon Tyne. 1995.

LOWE, P.; CLARK, J.; SEYMOUR, S. E WARD, N. Officials, advisors and farmers: the local construction of agricultural pollution and its regulation. **In**: VAN DER PLOEG Et Al. **On the impact of endogenous development in rural areas**. Proceeding of a Seminar held in Umbria, Itália, October. 1993.

MANNHEIM, Karl. On the interpretation of Weltanschauung. **In**: Ibid. **Essays on the sociology of Knowledge**. London: Routledge & Kegan Paul: pp. 33-83, 1952.

\_\_\_\_\_. Karl Mannheim: El problema de las generaciones. **Revista española de investigaciones sociológicas**, n. 62, p. 193-242. 1993.

MIOR, Luiz Carlos. Agricultoras Familiares, Agroindústrias e Território: a dinâmica das redes de desenvolvimento rural no Oeste Catarinense. 316 p. **Tese** (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas. 2003.

SAQUET, M. A. **Os tempos e territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre, Edições EST, 2003.

WARD Neil et. al. Universities, the Knowledge Economy and “Neo-Endogenous Rural Development”. Centre for Rural Economy, University of Newcastle Upon Tyne. **Discussion Paper Series n. 1**. November. 2005.

WELLER, Wivian et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. Estado e Sociedade. **Revista do Departamento de Sociologia da UnB**, v. XVII, n. 02 [Inovações no Campo da Metodologia das Ciências Sociais], p. 375-396, Jul./Dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Karl Mannheim's contribution to qualitative research: theoretical and methodological aspects. **Sociologias**. [online]. Jan.Jun 2005, no.13 [cited 07 March 2006], p. 260-300. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222005000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222005000100011). Acesso: 15/01/2006.

Recebido em 18/04/23 aprovado em 05/06/23